

# 18

## Síntese do Colóquio em Homenagem a Aquino de Bragança: Como fazer Ciências Sociais e Humanas em África: Questões Epistemológicas, Metodológicas, Teóricas e Políticas

---

**Cristiano Matsinhe**

A riqueza das comunicações apresentadas e debatidas nestes dois dias não permite fazer uma síntese à maneira tradicional, sob o risco de incorrer numa ‘abordagem ortopédica’, aqui referida por um dos oradores, que geralmente se caracteriza pelo esforço de insistir em congregar num único saco o que lá não pode caber.

Através da diversidade de temas e tópicos apresentados, houve unanimidade em reconhecer na figura de Aquino de Bragança uma personalidade ímpar e íntegra que, com talento particular, soube estar em diferentes lugares e países, assim como soube influenciar correntes de pensamento histórico, ideológico e político.

A sensibilidade e o estilo de Aquino de fazer pesquisa, incluindo o seu hábito de usar notas manuscritas anarquicamente organizadas para o seu próprio consumo, foram lembrados com alma por Luis Filipe Pereira.

Ficou igualmente evidente que Aquino soube, a seu modo, influenciar uma geração de pares, gerações seguintes, restando-lhe ainda potencial para influenciar aquelas gerações que infelizmente não se fizeram presentes neste colóquio, como bem referiram Elísio Macamo e Carlos Cardoso, quando se detiveram no número e perfil dos participantes deste colóquio.

Ampliar o acesso às premissas enunciadas por Aquino de Bragança, mas também ampliar o acesso aos dilemas e reflexões em torno dos desafios epistemológicos de fazer ciências sociais em Moçambique e em África, faz-se necessário.

As inquietações levantadas por Carlos Cardoso, sobre as condições de produção de conhecimento em África, não poderiam ser mais oportunas. No passado, actores e autores como Aquino de Bragança, em condições talvez mais adversas e tensas que as actuais, ousaram produzir o que hoje se tornou num legado e património de conhecimento, como referiram Boaventura Sousa Santos e Teresa Cruz e Silva.

Com o apoio dos pares com quem trabalhou na altura, incluindo Fernando Ganhão, Aquino contribuiu para a criação de condições de formação dos então jovens investigadores que hoje têm o desafio de passar o testemunho e sofisticar opções epistemológicas, metodológicas e teóricas, mantendo a relevância contextual muito para além do mero exercício de recolha e partilha de dados.

E porque a transmissão ou partilha de conhecimento não segue uma perspectiva linear, urge compreender, enquadrar e sistematizar os múltiplos focos de ressonância de discursos e representações sobre ciências humanas, sobre África, sobre epistemologias com legitimidade de ser da/ou sobre África, sobre o Sul, sobre os afrocentrismos, sobre o renascentismo africano, sobre o revivalismo, sobre a relação Sul/Norte, sobre a localização e/ou globalização do conhecimento. Mais ainda, sobre os temas e problemas elegíveis para objecto e sujeito de produção de saberes.

Em relação a estes aspectos, como bem lembrou Paula Meneses, apesar de serem temas pertinentes, e hoje re-eleitos como tópicos principais nas agendas de pesquisa, ainda persiste a necessidade de manter um distanciamento reflexivo para não cairmos na armadilha de produzir ou reproduzir velhas agendas com novas roupagens. E, neste campo, felizmente, este fórum foi demasiado profícuo e prolixo no identificar de diferentes potencialidades.

Carlos Dias Fernandes revistou o mapa de temas e problemas privilegiados para pesquisa pelo CEA, no tempo de Aquino de Bragança, com realce para o sentido de uma pesquisa colectiva e sentido de urgência impresso no acto de pesquisar, a que também se referiu Teresa Cruz e Silva. Assim visto, talvez seja tempo de questionarmos e analisarmos as continuidades e rupturas relativas a esses mapas, no concernente a esses tempos e aos tempos de hoje, como questionou Boaventura Sousa Santos.

Noutro momento, Elisio Macamo, lembrou que a capacidade de África e dos africanos identificarem o que não está bem, está fora de questão. E fico particularmente satisfeito em notar que o *slogan* deste colóquio questiona as alternativas para se fazer ciências sociais em África, e não a famigerada crise das ciências sociais.

Numa perspectiva de homenagem a Aquino de Bragança orientada para a acção e para o futuro, e não para a mera exaltação contemplativa, os oradores que generosamente contribuíram neste fórum investiram significativamente no esforço de apontar pistas, alternativas e experiências que evidenciam as opções e possibilidades de se continuar a fazer ciências sociais e humanas em África.

E porque os palestrantes já o fizeram em devido tempo, e com toda a propriedade, posso também eximir-me da tentação de postular qualquer tipo de síntese ou resumo.

Mas porque tentação é tentação – às vezes vencemos outras vezes... nem por isso – penso que não seria abusar da boa vontade e paciência dos participantes a este colóquio ao lembrar as sugestões de:

Elísio Macamo, que é a favor de um diálogo entre as disciplinas sistémicas e os estudos regionais. Questionar a eficiência das formas tradicionais de divisão interna das Ciências Sociais seria uma janela de oportunidade para reflectir sobre a possibilidade de uma abordagem mais holística que incorpore perspectivas locais num quadro referencial mais interdisciplinar e universal.

Jimi Adesina, que nos lembrou que o pessimismo predominante nas discussões em torno das ideias sobre os africanismos não pode amputar o potencial de inspirar esta e outras gerações de cientistas sociais. A existência de versões, algumas hegemónicas, da história, não deve impelir para uma aversão à história. Além do culto dos artefactos, existem possibilidades de se articular narrativas endógenas coerentes e plausíveis, como no exemplo sobre a análise das identidades por ele avançada.

Cláudio Furtado, que está atento ao movimento da busca de uma nova epistemologia, com potencial de ter um rendimento heurístico capaz de elucidar sobre realidades africanas. Porém, uma adesão acrítica aos africanismos, uma simples polarização binária west/rest ou norte/sul não é, por si só, prenúncio de solução.

O hibridismo – ou transculturalismo, como propôs a mesa literária – é característica da condição pós-colonial, e o reconhecimento da existência de sujeitos cognitivos, que são os próprios cientistas sociais, talvez seja uma premissa de base que nos deve acompanhar nas nossas aventuras, no melhor sentido do termo, de revisitar e/ou recriar as ciências sociais em ou sobre África.

João Feijó lembrou-nos da necessidade de problematização dos conceitos adoptados nos processos de produção de conhecimento sobre sociedades africanas. O apelo que expressões como africanismo, africanidade ou afrocentrismo exalam não deve obliterar o facto de que inúmeros factores condicionam a produção de conhecimento, entre os quais os interesses económicos e as agendas de investigação, questões políticas e nacionalistas, ou simplesmente

os processos de competição pelo acesso a recursos e poder. A tensão e o conflito são constitutivos desse processo, aparentemente inocente, de legitimar uma parafernália de referências, teorias e métodos para aprender e apreender África. Há ainda o desafio de situá-los e contextualizá-los.

À pergunta que titula a comunicação de Paula Meneses, ciências sociais de quem? Para quem? Sobre quem?, talvez acrescentemos: feita onde e quando. As circunstâncias sociais e comunitárias de produção de saberes, ainda que não sejam determinantes para avaliar a plausibilidade, a abrangência e universalidade desse conhecimento, são importantes para compreender o contexto específico em que ele é forjado. Quando estamos a falar na perspectiva de um feiticeiro local? Quando estamos a falar na perspectiva do burocrata alfandegário que, atendendo à demanda, usa o número de vezes que forem necessárias a força institucional cristalizada no carimbo para validar a funcionalidade de um sistema, como no exemplo que nos foi trazido por Luca Bussoti?

Como captar a multiplicidade de vozes, atores e posições sociais de emissão de significados, e ainda assim fazer sentido desse universo plural em que a contingência da produção de saberes se processa? O que dizer das estruturas neo-patrimoniais mencionadas por Gerhard Liesegang que, por vezes, exacerbam as tensões a extremos quase paralisantes? Ou simplesmente, qual é o significado do acto de a sociedade se reinventar recriando outras estruturas universitárias que parecem atrair a atenção e interesse da massa crítica?

A questão do contexto, e reflexão sobre as práticas de produção e reprodução de conhecimento, é também invocada por Aurélio Rocha, para quem a massificação desenfreada de instituições universitárias pode minar a sua relevância, em termos de qualidade e validade, e até obscurecer a possibilidade de se investir em outras formas de produção e reprodução de saberes que não estejam condenadas à obsolescência a curto prazo. A teoria de médio prazo, e a perspectiva de longo alcance defendida por Aquino de Bragança, são invocadas por Aurélio Rocha.

Como resolver as permanentes tensões da perspectiva ética da produção de saberes? Porque não posso sentir, não posso explicar? Ou será que a díade sentir e explicar é conscientemente invocada para delimitar territórios e reivindicar monopólios de objectos (neste caso, sujeitos) que limitariam a possibilidade de engajar em diálogos geradores de conhecimento, como problematiza Augusto Nascimento com a experiência de São Tomé? A noção de performance como recurso teórico para captar permanências, persistências e mudanças, é apontada como uma ferramenta útil para captar as diversas manipulações ritualísticas, ou não, da memória.

Assim como desafiaram Aurélio Cuna, Gilberto Matusse e Nataniel Ngomane, como adequar os instrumentos teóricos para analisarmos as produções literárias? As inovações das linguagens, e a consequente

amplificação das estratégias de construção discursiva, reflectem essas buscas pela vez e voz das Áfricas no concerto dos empréstimos e partilhas de saberes, dos locais aos globais e vice-versa.

Qual é o significado de se ser cientista social em contextos cheios de atribuições, contradições, transformações e convulsões sociais como estes em que nós também vivemos? Como lidar com o desconhecimento da realidade em decorrência da falta de instrumentos teóricos e metodológicos adequados para apreender essas realidades? O que mais dizer de Aquino de Bragança, que reivindicou o papel do conhecimento na produção de políticas públicas, mas que não se contentava com cartilhas que não fossem mais do que ideologias empacotadas?

Estas, e muitas outras questões que aqui não menciono, uniram-nos, nestes dias de homenagem a Aquino de Bragança, e certamente que nos irão instigar a intensificar as nossas redes de reflexão e consolidação de novos legados, ou pelo menos renovados, em termos epistemológicos, metodológicos e teóricos, que tenham relevância e rendimento heurístico para captar a diversidade e a complexidade das realidades africanas, com um enquadramento apropriado à escala das globalizações discursivas e práticas.

Pessoalmente, eu conhecia Aquino. Mas somente na sua forma petrificada. Feito mármore decorativo no Jardim do CEA. Com este evento, para mim, Aquino materializou-se como cientista social e como ser humano admirável. Com um bigode que assustava alguns, que saltava e dançava como outros disseram, e que também era apaixonado por ideais e princípios libertadores com os quais abraçou complexidades sem ser reducionista. Haja Aquinos!





